

**Do escaravelho aos olhos de vidro:
A realidade sensorial em *O noivado*, de Osman Lins**

Prof. Ms. Cacio José Ferreira¹

Resumo:

Sabe-se que o verbo egípcio kleper possui como um de seus significados: “vir à existência tomando uma determinada forma”. Destarte, assim como na narrativa O noivado, há construções de realidades variáveis que ilustram o real dando a ele contornos que extrapolam a realidade sensorial comum, originando outras formas de mutação no homem moderno. Portanto, o presente trabalho propõe uma leitura da mencionada narrativa osmaniana, tendo como base as conjunturas e o modo do autor de pensar e sentir o texto na visão de um personagem perdido entre a burocracia do seu próprio espaço – tal como as reflexões de Walter Benjamim acerca das angústias do indivíduo em meio à modernização enlaçadas em um futuro impessoal e fragmentado. Nos tempos entrecortados da narrativa os personagens expõem suas dores um diante do outro, mas encobertos por olhos de vidro que os distanciam. O noivado, assim, traz inquietações de realidades sensoriais diferentes de enxergar o real.

Palavras-chave: Osman Lins, literatura brasileira, realidade sensorial, modernização.

A arquitetura de *O noivado* tem como fórmula a fragmentação do texto intercalada pelas reflexões do casal Giselda e Mendonça – noivos há 28 anos. Essas inquietações de ambos constituem um diálogo sem comunicação direta, pois um diante do outro relatam pensamentos díspares por meio de divagações permeadas de desejos e frustrações fragmentando, assim, a narrativa. Cada um, então, assume uma determinada perspectiva de se pensar ilustrando o espaço com realidades variáveis.

Giselda “dividida entre a esperança e o medo”² busca retomar o destino nostálgico, de certa forma, perdido nos anos de espera, colocando um fim no relacionamento, enquanto Mendonça segue a mesma trilha ao se libertar da repartição pública, por meio da aposentadoria, na qual “tudo girava em torno de proventos, gratificação, adicional, honorários, extraordinários, pro labore, rendimentos, comissão, abono, vencimento, ordenado, remuneração, salário, recompensa em espécie, promoção, interstício e aposentadoria” (LINS, 1966, p.190). Sendo assim, talvez as personagens compreendam que um caminho possível para uma consciência mais apurada é o da reflexão. Nesse mar de questionamentos, sentem a necessidade de uma reação diante dos caminhos até então percorridos.

Dessa forma, o tempo outrora linear sem ecos da presença humana, conforme descrito no começo da narrativa: “o luar embebe o mar e as ruas, fachadas de azulejos brilham no silêncio”³, começa a operar como uma “locomotiva para fora dos trilhos”⁴ sob um olhar apurado das existências individuais do casal de noivos já corroídos pelos efeitos dos anos, conforme a argumentação de Giselda:

O tempo rói e destrói a face das pessoas (...). O tempo enrugou-me a fronte, ele escovou-me as olheiras; o tempo arrancou-me os dentes, ele entortou-me a boca; o tempo aguçou meu perfil, ele gravou-me este ar de quem recua (LINS, 1966, p.187).

¹ Cacio José Ferreira - mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília – UnB. caciosan@hotmail.com

² Lins, Osman. *Nove, novena in O noivado*. Martins, 1966, p. 183.

³ Lins, Osman. *Nove, novena in O noivado*. Martins, 1966, p.183.

⁴ idem

A partir dessa desorganização temporal vivenciada pelos personagens de Osman Lins, a lembrança nostálgica do passado e a negação de uma modernidade cruel que revela a verdade, eles somatizam os conflitos predominando uma percepção descontínua ante a confortável memória pessoal. Nessa perspectiva, o choque causado pela áurea do moderno extrapola a realidade sensorial.

Os obstáculos que a modernidade opõe ao *élan* produtivo natural do indivíduo encontram-se em desproporção com as forças dele. É compreensível que o indivíduo fraqueje, procurando a sorte. A modernidade deve estar sob o signo do suicídio que sela uma vantagem heróica que nada concede à atitude que lhe é hostil. Esse suicídio não é renúncia, mas paixão heróica. É a conquista da modernidade no campo das paixões. (...) a modernidade prepara a matéria bruta de tais reapresentações, e espera pelo seu mestre. Esta matéria bruta encontra-se precisamente nas camadas sociais que se destacam como fundamento da modernidade (BENJAMIN, 1975, p. 12).

A desarticulação das relações espaço/tempo, intrínseca à modernidade, leva Giselda a enfrentar a realidade e questionar Mendonça a razão do noivado sem o desfecho esperado: “- Por que noivou comigo então? Gastei minha vida nessa espera?”⁵. Na sequência da narrativa ambos observam um escaravelho que cai entre as fotos de Giselda aos trinta e poucos anos e soergue-se. Segundo o dicionário de símbolos de Chevalier, o escaravelho pode representar o “Ovo do mundo, de onde nasce a vida, a manifestação organizada. Assim, considerava-se que o escaravelho gerava a si mesmo” (CHEVALIER, 2008, p. 383). Dessa forma, a noiva questiona o nascimento harmonioso de uma promessa quebrada e corroída pela burocracia do mundo moderno. A ordem das coisas está às avessas. O escaravelho renasce de outra forma: com as pernas para o ar. Soergue-se o besouro em meio do despertar de diversas realidades: a quebra da rotina da burocracia pública por meio da aposentadoria de Mendonça, a decisão de Giselda em romper o noivado, reflexões no mesmo espaço em tempos díspares. Enfim, inicia-se um novo círculo diante do olho de vidro, ou seja, a modernidade.

Neste sentido, o vidro representa um meio de visualização do moderno sem acesso direto pelos personagens. Através dele é possível contemplar todas as coisas sem sofrer nenhum dano. Em vez de assombrar o personagem com realidades ameaçadoras, os besouros que têm olhos de vidro são admirados por Mendonça: “não os mato. Gosto de vê-los”. Essa fascinação é exercida por meio de um olhar construído de uma substância rígida, amorfa e inorgânica. Para que o inseto transmita seu olhar mecânico, é necessária toda uma mecanização e técnica para que o trabalho de fusão de areia e carbonatos envoltos a altas temperaturas se transforme em vidro.

O objeto solidificado a partir de silícios e carbonatos parece revelar ao burocrata Mendonça a vontade de arriscar outras formas de viver. Sabe que em breve será um homem livre de um noivado que se arrasta por anos. Também, lamenta não solucionar a “primeira tarefa mais ou menos viva” que recebera em trinta anos de serviço público, pois segundo ele, “fazia tudo que era preciso fazer, mas apenas com as mãos. Por dentro, alheio à minha atividade eu zombava das obrigações” (LINS, 1966, p.194). De forma irônica, a solução para os problemas das vidraças exigia raciocínio lógico e conhecimentos específicos que em nada se assemelham ao de um burocrata:

As fraturas nos vidros do prédio não apresentavam orientação preferencial ou distribuição regular. Mas havia uma ordem, uma mecânica, um compasso como os dos insetos: em todos os andares, do 1º ao 10º, observava-se maior frequência de janelas fraturadas no segmento Norte da face Oeste; e no segmento Oeste da face Sul. A frequência de vidros fraturados diminuía gradativamente em direção oposta

⁵ Lins, Osman. *Nove, novena in O noivado*. Martins, 1966, p. 192.

a cada um desses segmentos (LINS, 1966, p.195).

Assim, Mendonça tem a sua experiência do passado vista pelo olhar humano transfigurada “por um olho mecânico, em sua fria e lúcida dureza” (LINS, 1966, p.31) diante da impossibilidade de solucionar o caso das vidraças. Na verdade, a percepção do homem moderno é superficial, sombria e sem base consolidada. De acordo com Benjamin, a arquitetura moderna evidencia os aspectos fundamentais desta nova forma de percepção do mundo, que se caracteriza pela impossibilidade de guardar vestígios da passagem do tempo. Daí, por exemplo, o uso do vidro:

Ele (o escritor Scheerbart) atribui a maior importância à tarefa de hospedar sua ‘gente’, e os co-cidadãos, modelados à sua imagem, em acomodações adequadas à sua condição social, em casas de vidro, ajustáveis e móveis, tais como as construídas no meio tempo, por Loos e Le Corbisier. Não é por acaso que o vidro é um material tão duro e tão liso, no qual nada se fixa. É também um material frio e sóbrio. As coisas de vidro não têm nenhuma aura. O vidro é em geral o inimigo do mistério. É também o inimigo da propriedade. O grande romancista André Gide disse certa vez: cada coisa que possuo se torna opaca para mim. Será que homens como Scheerbart sonharam com edifícios de vidro, porque professaram uma nova pobreza? (BENJAMIN, 1985, p.117).

Dessa forma o vidro engole as certezas determinadas pelo passado. Na conversa entre os personagens, Mendonça questiona se “o tempo traz obrigações”. Enquanto isso Giselda rememora a história do “pássaro que voou até à altura da rosácea e que desapareceu dentro do brilho de um vidro”(LINS, 1966, p.200). O resplandecer do vidro era, de certa forma, um pré-anúncio das diferentes realidades sensoriais que a modernidade ofereceria aos noivos.

Além do vidro, é interessante atentar também para a função dos insetos na narrativa. Eles agem tanto no ornamento como na constituição dos personagens que transitam entre as profundezas do passado e a superfície da modernidade. Nesse sentido, Sandra Nitrini ressalta que:

Numa linguagem referencial científica, os segmentos ornamentais, colocados entre parênteses, emitidos por uma voz não representada, interrompem, por cinco vezes a narrativa. Apesar do tom de sua linguagem, os ornamentos funcionam, dentro da dialética do texto, como alegorias, solidarizando-se com o contexto do segmento narrativo em que estão inseridos (NITRINI, 1987, p.227).

Talvez, a interrupção da ação por cinco vezes pelos insetos possa remeter à totalidade do mundo sensível. No simbolismo hindu, segundo Chevalier, “o número cinco é a conjunção de dois (número feminino) e de três (número masculino). É o princípio de vida, número de **Xiva transformador**⁶”(CHEVALIER, 2008, p.242). Os personagens estão assumindo uma nova vida, situações dolorosas, mas necessárias para que as revelações do mundo moderno se concretizem.

Assim, “Os corpos esféricos, de forma de gravetos, de sementes, de moedas, a cabeça alongada como faca, de asas estendidas ou incrustadas no dorso, aramados de pinças (...) mais do que nenhuma outra espécie viva sondam as possibilidades do mundo”⁷ são as características de seres minúsculos que povoam as habitações humanas, como os que danificam com suas matérias orgânicas o ambiente mecanizado da repartição pública. Destarte, percebe-se, então, que a fragmentação moderna desestabiliza o conceito de mundo civilizado. Parece que nada pode se fixar aos vidros, mas o material orgânico dos insetos, aos poucos, corrói a fabulosa engenharia mecânica

⁶ Grifo do autor

⁷ Lins, Osman. *Nove, novena in O noivado*. Martins, 1966, p.201.

da modernidade transformando-a em coisa frágil.

As transfigurações reflexivas dos personagens em meio a multiplicação dos insetos abrem espaço para o pensamento moderno. “Estamos na época dos insetos”, afirma Mendonça (...) aviões rebocaram algumas redes, feitas de malhas finas, fizeram uma limpeza entre quatro e vinte mil metros” (LINS, 1966, p.193). Assim, da mesma forma que os insetos se multiplicam, máquinas são criadas abrindo os portões da modernidade e nesse processo a percepção humana é saqueada. Nesse raciocínio, Walter Benjamin, busca compreender e analisar os modos de perceber e sentir o mundo, que se alteraram a partir de transformações sociais – urbanização, difusão da técnica, tecnologização crescente da palavra, enfim a redução do humano em nosso tempo conforme postula Rouanet:

No mundo moderno, todas as energias psíquicas têm que se concentrar na consciência imediata, para interceptar os choques da vida cotidiana, o que envolve o empobrecimento das outras instâncias, como a memória, e com isso o 'herói moderno' perde todo o contato com a tradição, transformando-se numa vítima da amnésia (ROUANET, 1993, p.64).

As lembranças de Giselda em relação a Mendonça também se multiplicam e respondem às angústias do personagem em tempos distintos. O diálogo simultâneo em diversas idades evidencia o caos fragmentário num primeiro momento como um vidro que se parte e se perde em locais diferentes e com o passar dos anos os pedaços são unidos novamente. Desta forma, mesmo sendo o mesmo material de outrora, apresenta fissuras e fragmentações ocorridas naquele espaço de tempo. Ainda, a imprecisão aparece e reaparece no percurso das reflexões levando-a a entender um momento importante elaborado por uma memória fugidia. Assim argumenta Giselda:

É o velho quem responde. Os que o ladeiam olham-no de suas idades remotas. Ouço, no jovem, um ranger de dobradiças, de rolimãs sobre o eixo não lubrificado. No outro de 39 anos, em algum impreciso recanto de seu corpo, uma roldana é acionada com insistência, pesos em forma de cubo vão e vem no escuro (LINS, 1966, p.185).

Em outras palavras, as fotografias reduzem a essência de Mendonça, pois é um recurso tecnológico. Elas representam algo que não existirá novamente. Tal processo de fragmentação requer do leitor uma concentração aguçada. Caso isso não aconteça, se perderá pela elaborada mecânica das páginas. Os insetos inesperados, também tentarão dispersar a fruição da capacidade sensorial misturando-se organicamente ao mundo moderno numa “palpitação breve e cegante” (LINS, 1966, p.198).

Duas aranhas saem da boca de Mendonça, descem pelo ombro, saltam para o chão, um grilo põe-se a cantar. Mariposas giram em torno da lâmpada. Pela janela aberta entra um zumbido uma nuvem de mosquitos. Na veneziana fechada aparece uma lagarta, gafanhotos pousam no sofá e na moldura do espelho (...). Enorme borboleta azul adeja sobre nós. Sinto na perna esquerda o rastro de uma centopéia (LINS, 1966, p.202).

Portanto, na narrativa osmaniana *O noivado*, há construções de realidades variáveis que ornaram o real dando a ele contornos que extrapolam, desfazem e desconfiguram a realidade sensorial comum, originando uma possibilidade de mutação no homem moderno. As conjunturas e o modo do autor de pensar e sentir o texto na visão de personagens perdidos entre as fraturas de um desejo e a burocracia do seu próprio espaço remetem as angústias do indivíduo em meio à modernização enlaçadas para um futuro impessoal e fragmentado. Nos tempos entrecortados da narrativa Giselda e Mendonça expõem suas dores um diante do outro numa tentativa de renascimento encoberto por olhos de vidro que os distanciam. O noivado, assim, traz inquietações de realidades sensoriais

diferentes de enxergar o real que não é a verdade, mas uma possibilidade que range “compassadamente em sombreados galhos de mangueira” (LINS, 1966, p.202).

Referências bibliográficas:

- BENJAMIN, Walter (1975). *A modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- _____(1985). *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense.
- _____(1980). *Textos escolhidos*. São Paulo, Abril Cultural.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain (2008). *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro, José Olympio.
- LINS, Osman (1966). *Nove, novena: narrativas*. São Paulo, Martins Fonte.
- NITRINI, Sandra (1987). *Poéticas em confronto: Nove, novena e o Novo Romance*. São Paulo, Hucitec.
- ROUANET, S (1993). *A razão nômade: Walter Benjamin e outros viajantes*. Rio de Janeiro, UFRJ.